

Salas especiais abrigam 4 mil em toda a rede

As estatísticas apontam a existência de cerca de 12 mil alunos na rede oficial de ensino com necessidades especiais, antes conhecidos como deficientes. Por falta de professores capacitados, a Fundação Educacional do DF (FEDF) atende no momento a 4 mil alunos com necessidades especiais. São apenas 100 alunos superdotados que recebem orientação adequada. As crianças autistas vêm sendo atendidas, embora em pequeno número. "Temos 42 alunos autistas, muitos na fase de preparação para a alfabetização, a maioria sendo estimulada globalmente", informou a diretora do ensino especial da FEDF, Erenice Natália Carvalho.

Estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que 10 por cento da população possuem algum tipo de deficiência. No DF, existem 1 milhão e 800 mil habitantes, o que demonstra a existência de 180 mil pessoas deficientes, entre adultos e crianças. Para Erenice, muitas crianças deixam de receber atendimento por falta de um diagnóstico adequado. O trabalho não é simples. Ao contrário. E deve ser feito com cuidado, alerta a diretora.

A falta de atendimento também está ligada ao desconhecimento da população dos serviços oferecidos pela Fundação. "Há ainda os casos de alunos carentes, que as famílias não têm como pagar as passagens do transporte diário até as escolas. O governo do DF franquiou o transporte coletivo para os deficientes, mas a medida ainda não foi implementada", afirmou Erenice.

Mesmo assim é intenção da Fundação ampliar o atendimento a estes alunos, integrando as crianças deficientes com os estudantes considerados normais. Esta metodologia de trabalho já vem sendo adotada pela FEDF, seguindo orientação da Secretaria de Ensino Especial do Ministério da Educação. "É através da integração nas escolas que a criança com necessidades especiais passa a viver melhor na sociedade".

São três centros de ensino especial administrados pela Fundação no DF e uma escola-classe. Em Taguatinga, funciona uma escola para deficientes visuais, e no Plano Piloto dois centros especiais. A Escola-Classe número 9 para deficientes fica em Sobradinho. Um

novo centro deverá ser inaugurado no próximo mês de dezembro, em Planaltina. Além disso, a Fundação está negociando com a Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) a assinatura de um convênio, que facilitará a colocação de jovens maiores de 18 anos com necessidades especiais no mercado de trabalho.

A idéia do convênio é criar mais núcleos cooperativos de preparação destes jovens para o trabalho, seguindo modelos já em funcionamento nas cidades-satélites, estes últimos instalados através de convênios firmados com a Sociedade Pestalozzi. Outra meta da Fundação é levar a informática para a educação especial. "Estamos treinando professores, e a Universidade de Brasília se comprometeu a ceder computadores", disse Erenice. O projeto deverá ser iniciado no próximo ano através de um sistema de **comodato** (repassê) com a UnB. Além dos computadores, a Fundação pretende adquirir uma impressora Braille, para ser usada pelos alunos cegos. O Ministério do Interior, através da Coordenadoria para a Integração da Pessoa Deficiente, está ajudando a treinar professores, que atuarão no setor de informática.

Além do trabalho realizado nas escolas, a FEDF vem atendendo as crianças internadas em 134 classes hospitalares espalhadas pelos hospitais do DF. Dos 4 mil alunos com necessidades especiais, 1 mil 411 são deficientes mentais. Durante dez anos de trabalho, 139 alunos foram colocados no mercado produtivo — um número pequeno —, reconhece Erenice. Ela justifica, afirmando que são poucos os deficientes em condições de trabalhar. Muitas vezes ainda a própria família se encarrega de arranjar um emprego para o deficiente.

O trabalho com os superdotados começou em 1976. Hoje a criança que se destaca por ter um talento é considerada superdotada, e não só apenas aquelas com QI elevado. A partir de 1990 a Fundação deverá estender este atendimento aos alunos da pré-escola. Atualmente o atendimento é dado também às famílias dessas crianças, que recebem apoio psicológico. Os superdotados estudam em classes de crianças normais, mas retornam à escola no período seguinte para receber acompanhamento adequado.